



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

### GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

#### UM BREVE OLHAR SOBRE O PROCESSO DA MUSEOLOGIA NA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

#### *A BRIEF LOOK AT THE MUSEOLOGY PROCESS AT THE OSWALDO CRUZ FOUNDATION*

**Bruno da Silva Mussa Cury.** UNIRIO.

**Marcio Ferreira Rangel.** MAST.

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Esse trabalho tem por objetivo identificar as atividades museológicas na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O ponto de partida é a origem da Instituição, passando pelo desenvolvimento da Museologia até o tempo presente. Faz-se um breve histórico dos antecedentes da Instituição a fim de compreender a sua formação e a composição de processos de trabalho, processos esses que se traduziram na formação de acervos que marcam um perfil institucional. Acervos que incluem: a formação e preservação de coleções biológicas, os conjuntos arquitetônicos, o acervo bibliográfico, o acervo documental e o desenvolvimento de exposições desde os primeiros anos de atividade. Essas iniciativas são identificadas como princípio da expansão de espaços expositivos dedicados à memória quando se amplia uma cultura institucional voltada para a constituição de coleções biológicas e seus respectivos acervos. Os processos se traduzem, através da história, no desenvolvimento de órgãos Institucionais com finalidade de resgatar, preservar e gerir o patrimônio científico e cultural, promovendo a memória, constituindo e ampliando espaços museológicos, institucionalizando processos relacionados à memória e ao patrimônio, pelo desenvolvimento de projetos, programas e políticas para formação, preservação e divulgação de acervos.

**Palavras-Chave:** Museologia. Patrimônio da Fiocruz. Práticas museológicas Patrimônio científico e cultural.

**Abstract:** This work aims to identify the museological activities at the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz). The starting point is the origin of the institution, going through the development of the Museology field until the present time. A brief history of the Institution's antecedents is made to understand its constitution and the composition of work processes that were translated into the creation of collections that impress an institutional profile. These collections include the creation and preservation of biological collections, the architectural sets, the bibliographical collection, the documental collection, and the development of exhibitions since the first years of the institution's activity. These initiatives are identified as the beginning of the expansion of exhibition spaces dedicated to memory when an institutional culture focused on the constitution of biological collections and their corresponding collections is expanded. These processes are translated, throughout history, into the development of institutional bodies aiming at the rescue, the preservation, and the management of the scientific and cultural heritage to promote the memory, constitute and expand museum spaces, institutionalize processes related to memory and heritage, through the development of projects, programs and policies for creating, preserving and disseminating collections.

**Keywords:** Museology. Fiocruz heritage. Museum practices. Scientific and cultural heritage.



## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente o processo de formação da instituição que veio a se tornar a atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é marcado por momentos de institucionalização, estabilização e ampliação de linhas de pesquisa e de ações na área da saúde. Entretanto, esse período que já ultrapassa 120 anos é também marcado por disputas, crises, rupturas traumáticas e resiliência da comunidade institucional. Sob os auspícios dessa constatação, cabe contextualizar a origem da Instituição que serve à presente análise e situar, brevemente, alguns antecedentes desse acontecimento.

No princípio da primeira república brasileira, também chamada “República Velha” pela historiografia, no ano de 1899, uma contingência sanitária específica resultou na incorporação do médico sanitarista Oswaldo Cruz a uma missão da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP)<sup>1</sup>. O médico foi convocado pelo governo para viajar a Santos a fim de diagnosticar uma doença que se manifestava na região portuária e se espalhava pela população da cidade, identificada por Oswaldo Cruz no relatório da investigação como sendo a peste bubônica (CRUZ, 1972).

Por volta da virada do século 19 para o século 20 o controle da peste bubônica era possível através do soro terapêutico, da vacina e da eliminação dos ratos, que eram os vetores da doença, essa passada aos humanos pelas pulgas desses roedores. No entanto, Oswaldo Cruz destacou o fato de o Brasil não possuir nem o soro terapêutico, nem a vacina em quantidade suficiente para atender a população que poderia vir a ser afetada, e tampouco condições para produzir qualquer um dos dois. Assume-se, assim, o discurso de que a mobilização de uma instituição com tal objetivo e recursos era uma urgência. E tal instituição no Rio de Janeiro se materializou com a criação do Instituto Soroterápico Federal (Instituto de Manguinhos).

As atividades do Instituto de Manguinhos tiveram início no dia 25 de maio de 1900. O primeiro Diretor da Instituição foi o Barão de Pedro Afonso, médico que acumulava a função de Diretor do Instituto Vacínico Municipal ao novo cargo. Oswaldo Cruz liderava a equipe que compunha o corpo médico-técnico da Instituição, porém, em uma posição subalterna à do Barão. O médico sanitarista assumirá a posição de Diretor do Instituto de Manguinhos

---

<sup>1</sup> A DGSP era o órgão dedicado às questões de saúde pública vinculada ao Ministério da Justiça e Negócios do Interior quando ainda não existia um Ministério da Saúde na estrutura do governo do Brasil.



somente em 1902, após divergir com a gestão do Barão de Pedro Afonso quanto ao caráter das pesquisas que seu grupo desejava empreender com suporte institucional. Pelo conjunto sociotécnico que se formou em torno da retirada de Pedro Afonso e subsequente liderança de Oswaldo Cruz à frente dessa Instituição, se iniciaram mobilizações que tiveram consequência nas primeiras ações com relevância para o campo da Museologia.

O pesquisador da área de Ciência-Tecnologia-Sociedade<sup>2</sup> (Estudos CTS) Henrique Cukierman constata que “na senda da ciência, não existe viagem solitária” (CUKIERMAN 2007, p. 46). Os cientistas envolvidos em todo esse processo, juntamente com os setores políticos afetados por pressões de ordem econômica e social, participaram de um movimento identificado e definido como tradução ou translação, conforme interpretação linguística<sup>3</sup>. A ideia de rede no contexto em observação:

Para explicar o conceito de tradução, além do destaque a vínculos sólidos entre interesses distintos, Latour valeu-se da ideia de rede, a qual se presta perfeitamente a dar conta das múltiplas operações efetuadas sobre uma legião de representantes, de intermediários de todos os gêneros, aliados ou adversários, seres humanos ou não, que mesmo numerosos, dispersos, longínquos, inacessíveis, se encontram traduzidos e articulados na rede (...) aquilo que verdadeiramente apontava no horizonte era o embrião de uma rede de ciência e saúde pública no país, cuja consolidação, nesta passagem crucial, relacionava-se com uma tradução capaz de mobilizar recursos necessários à criação das instituições soroterápicas (CUKIERMAN, 2007, pp 59-60).

De maneira breve, a rede<sup>4</sup>, dentro do referencial teórico citado, se refere a fluxos, circulações, alianças, e movimentos, ao invés de se remeter a uma entidade fixa. Uma rede de atores não é redutível a um único ator, pois é composta de séries heterogêneas de elementos

<sup>2</sup> Campo de investigação difundido a partir dos anos 1980 que norteia conceitualmente a investigação proposta. Considera, resumidamente, o conhecimento científico enquanto permanente associação entre o “técnico” e o “social”, o que resulta em híbridos de ciência e cultura que colocam lado a lado as ciências e a sociedade. O pensador Bruno Latour é o teórico que serve de referencial no presente trabalho.

<sup>3</sup> Segundo Latour, “transladar” (ou “traduzir”) interesses significa: “ao mesmo tempo, oferecer novas interpretações desses interesses e canalizar para direções diferentes. (...) [O]s resultados de tais translações são um movimento lento de um lugar para o outro. A principal vantagem dessa mobilização lenta é que problemas de âmbito restrito (como o do orçamento da ciência (...)) agora estão solidamente amarrados a problemas bem mais amplos (...), na verdade tão bem amarrados que ameaçar os primeiros equivale a ameaçar os segundos. Sutilmente urdida e cuidadosamente atirada, essa finíssima *rede* pode ser muito útil para manter os grupos em suas malhas” (LATOUR 2000, p. 194).

<sup>4</sup> A autoria do conceito de *rede* não é de Bruno Latour. Esse pensador se utiliza do conceito e o reelabora para os fins metodológico-analíticos que desenvolve em sua obra. O termo *rede*, para fora do âmbito do artefato e como conceito para designar um sistema integrado de pontos que se interconectam (a própria *rede*), passa por Auguste Comte no século XIX e é incorporado por outras escolas até chegar no século XX, quando será desenvolvido pelos Estudos CTS (referência para esse trabalho) com Latour e outros autores que o estendem e o aplicam a diversos subcampos.



animados e inanimados conectados e agenciados. A rede de atores deve ser diferenciada dos tradicionais atores da sociologia, uma categoria que exclui qualquer componente não-humano. “Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne<sup>5</sup> destas histórias confusas” (LATOUR 2019, p. 12).

Seguindo por esse pensamento é pertinente questionar a suposta pureza da ciência: “Vivemos em um mundo Científico? Supondo que poderíamos concordar quanto ao sentido que tal declaração poderia ter, há muitos indícios de que não vivemos agora, e de que nunca vivemos em um mundo científico” (SHAPIN, 2013, p. 383). A Museologia avança pelos processos institucionais da Fiocruz dentro da rede formada como parte do esforço situado historicamente no processo científico institucional. Esforço em um quadro onde o fazer científico se dá no conjunto de forças operantes, algo que não é nada ‘puro’, ‘universal’ e ‘neutro’, mas que está inserido no processo social que a própria ciência compõe. Assim, a questão de interesse para o campo da Museologia trabalhada nesse texto (considerando os aspectos do processo histórico apontado) se dá na identificação de procedimentos museológicos em atividades institucionais que foram implementados no tecer da rede sociotécnica desenvolvida na Instituição.

## **2 TRADUÇÕES À MUSEOLOGIA NA FIOCRUZ**

Além da direção do Instituto de Manguinhos, Oswaldo Cruz liderou a saúde pública brasileira entre 1903 e 1909. Foi nessa posição que conseguiu remanejar recursos, angariar aliados e mobilizar esforços para implementar o projeto de construção de novos edifícios e para adquirir os equipamentos que julgou, em conjunto com o time de cientistas do Instituto, necessários para a realização de pesquisas conforme o referencial pasteuriano que preconizavam.

Logo que assumiu a direção do Instituto, o médico iniciou a construção dos edifícios que serviriam para dar continuidade à produção de soro antipestoso e que ficaram prontos em menos de dois anos (1904 - 1905). Esses edifícios foram a nova Cavalaria e o Pavilhão do

---

<sup>5</sup> Resumidamente, Ariadne é uma personagem da mitologia grega descrita no poema épico de Apolônio de Rodas “As Argonáuticas” que foi escrito no século III a.C. Segundo o mito, Ariadne ofereceu ajuda a Teseu no combate ao Minotauro que habitava o labirinto de Dédalo em troca de seu amor. Ariadne deu a Teseu uma espada e um fio de lã (o “Fio de Ariadne”) para que ele pudesse achar o caminho de volta do complexo labirinto, onde, do lado de fora, ela permaneceria segurando a outra ponta.



Relógio, que ficou conhecido também como Pavilhão da Peste em alusão aos insumos que eram produzidos no local, em referência direta ao objetivo inicial do Instituto (combater a peste bubônica), que se deu por consequência de traduções desde a viagem de Oswaldo Cruz a Santos.

A partir dessas primeiras construções, Oswaldo Cruz passou, então, a se dedicar ao ambicioso plano de dotar o Instituto de uma edificação principal para servir como sede que fosse também uma referência simbólica. Referência simbólica que no curso do processo de sua idealização e execução se traduziu em uma construção que não só assumisse a função de abrigar os novos laboratórios de Manguinhos, mas que também expressasse através de sua imponência as ambições da instituição que desejava se consolidar. Tal edificação se materializou no Pavilhão Mourisco (o Castelo da Fiocruz).

Projetado pelo arquiteto português Luiz Moraes Júnior para receber os laboratórios e salas de pesquisa dos primeiros cientistas da instituição, bem como uma biblioteca e o Museu de Patologia, o Pavilhão Mourisco foi construído entre 1905 e 1918, tendo sido tombado em 1981, pelo Iphan. Ao longo dos mais de 100 anos de existência, algumas alterações foram realizadas para adequação da edificação às necessidades contemporâneas de ocupação, mas seu uso ainda permanece fortemente vinculado à proposta inicial de criação. O pavilhão abriga atualmente a presidência da Fiocruz, salas de trabalho de unidades da instituição, laboratórios e acervos móveis de grande importância: a Coleção Entomológica, a Seção de Obras Raras da Biblioteca de Ciências Biomédicas e parte do acervo museológico do Museu da Vida (COELHO *et al.*, 2020, p.569).

A Coleção Entomológica do Instituto (primeira coleção biológica da Instituição) tem seu marco de origem ainda em 1901, época da direção do Barão de Pedro Afonso. Ela advém da descrição do mosquito *Anopheles lutzi* feita por Oswaldo Cruz, a partir da qual publicou o primeiro artigo científico do Instituto. E os primeiros espécimes-tipo da Coleção Entomológica que se formou são frutos dessa pesquisa. No entanto, com o Barão centrava sua gestão somente na linha de produção do soro antipestoso, a pesquisa básica não era ainda uma linha de trabalho reconhecida em sua gestão. Historicamente situadas, tais coleções se incorporaram à política institucional ainda no início do século XX. As coleções, quando viviam o princípio de sua constituição:

(...) faziam parte da política institucional já voltada ao combate de doenças parasitárias causadas por bactérias e protozoários e transmitidas por insetos, moluscos e outros vetores. Foi durante as expedições científicas e de ações de combate à essas doenças que pesquisadores da instituição coletaram,



analisaram e depositaram material biológico de diferentes regiões do Brasil na Instituição (DA SILVA; SÁ, 2016, p. 176).

Com o passar do tempo, os acervos cresceram tanto numericamente como em abrangência. Os exemplares que foram sendo incorporados não estavam necessariamente envolvidos com doenças, de modo que o Instituto de Manguinhos passou a desempenhar “papel similar ao de um Museu de história natural, cuja função precípua seria inventariar a fauna e a flora de seu território” (BENCHIMOL; SÁ, 2006, p. 166). As coleções científicas que vão se constituindo, portanto, principalmente como resultado da pesquisa científica, passam a ser responsáveis por grande parte do reconhecimento da qualidade da pesquisa realizada no Instituto Oswaldo Cruz.

A importância dessas coleções no meio científico internacional fica expressa nas diversas solicitações de permuta de exemplares, prática muito comum entre os grandes centros de pesquisa, e pelas trocas de informações com instituições nacionais e estrangeiras

Outras coleções, além da entomológica, também de igual importância, foram sendo formadas pelos especialistas das áreas, como por exemplo, a helmintológica, a de fungos, a de carrapatos, a de anatomia patológica etc. Essas coleções eram também utilizadas como importantíssimo material didático no Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz - IOC. (RANGEL, 2011, p. 2975-2976).

Iniciativas de divulgação acontecem desde quando a Instituição deu início às suas atividades, e como consequência de um processo de traduções iniciados antes de sua existência. Um bom exemplo dessa fase inicial é o fato de que o Instituto se apresentou no XVI Congresso de Higiene e Demografia ocorrida em Berlim, em 1907, onde terminou recebendo o primeiro prêmio do evento. Anos depois, teve centralidade no desenvolvimento do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911. Essas exposições foram projetadas por Luiz de Moraes Junior com direção de Oswaldo Cruz em todos os processos (BENCHIMOL,1990).

Estratégias como a participação em exposições internacionais como as citadas serviram para angariar atenção e simpatia da sociedade e da classe política em particular, além de obter o importante reconhecimento internacional (um recurso para justificar a relevância do trabalho realizado). Daí se traduz o surgimento de espaços expositivos dedicados à memória que não estavam definidos no projeto arquitetônico até o final de sua execução, o que, conseqüentemente, leva à construção do mito de Oswaldo Cruz (BRITTO,



1995). A transformação da sala onde Oswaldo Cruz trabalhou para a finalidade de memorial a sua pessoa foi relevante para tal.

(...) após a morte de Oswaldo Cruz em 1917, sua sala de trabalho no Castelo Mourisco foi mantida intacta e batizada de Museu Oswaldo Cruz, aberto apenas a visitas especiais. A partir de então, uma coleção histórica começou a ser formada, com objetos de uso pessoal e de trabalho do fundador da instituição. (SOARES; NOGUEIRA 2017 p.13)

As coleções biológicas que tiveram início em 1901 e que vinham sendo regularmente constituídas desde 1903 resultaram na criação do Museu de Anatomia Patológica. Esse Museu ocupou o grande salão da ala sul do terceiro pavimento, e era constituído por “amostras de anatomia patológica, parasitologia, micologia e entomologia coletadas por pesquisadores da instituição durante seus trabalhos investigativos” (SOARES; NOGUEIRA 2017 p.14)

O empreendimento dessas iniciativas, que são diversas e complementares entre si, ainda nos primeiros anos da Instituição serviu à construção de processos de trabalho que se reverberam até o presente. Tais iniciativas podem ser identificadas quando definido um perfil histórico institucional. Os processos apontados até aqui podem ser listados, estando ligados:

- Ao início da formação da primeira coleção biológica;
- Ao projeto arquitetônico de edificações funcionais com caráter monumental;
- À instauração de um museu acadêmico incorporado ao projeto do Castelo Mourisco;
- À formação de acervo bibliográfico;
- À execução de exposições internacionais para a exibição de acervo, de dados e de trabalhos desenvolvidos em montagens sobre realizações científicas do Instituto em grandes eventos internacionais;

Precursos de deslocamentos de processos institucionais nas décadas que se sucederam ligados:

- Ao surgimento de espaços expositivos dedicados à memória que não haviam sido previstos no projeto arquitetônico original;
- À ampliação de tipologias de coleções biológicas e seus respectivos acervos;
- À proteção das coleções contra o descarte indiscriminado<sup>6</sup>;

---

<sup>6</sup> Em referência ao pior período de intervenção governamental na Instituição, o ‘Massacre de Manguinhos’, tratado adiante nesse texto.



- Ao desenvolvimento de departamentos e unidades técnico-científicas da Instituição com finalidade de resgatar, preservar e gerir, o patrimônio científico e cultural da Instituição pela promoção da memória;
- À ampliação de espaços museológicos na virada para o século XXI;
- À institucionalização de processos relacionados à memória e ao patrimônio com o desenvolvimento de projetos, programas e políticas para formação, preservação e divulgação de acervos, e divulgação e popularização das ciências.

A gestão de Oswaldo Cruz traduziu-se na constituição e estabilização de processos de trabalho, com desdobramento à construção de algumas das edificações com propósitos funcionais e características monumentais que permanecem imbricadas à imagem da Fiocruz até hoje. Para o caso específico desse trabalho, cabe identificar os marcos inscritos ao longo da história da Fiocruz para verificar o desenvolvimento de processos de interesse analítico, da mesma forma que a Museologia identifica nos gabinetes de curiosidades os marcos fundamentais dos museus ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX (RANGEL 2013, p 410). Esse processo de reconhecimento tem como objetivo compreender esses marcos à luz da dinâmica da rede sociotécnica institucional.

No âmbito do campo da Museologia, cabe ressaltar que é precipitado o julgamento de que a ideia de Museu se origina a partir de um espaço físico específico, pois a origem do Museu não está sujeita a um lugar em particular. O Museu é um fenômeno que se dá em processo e que está vinculado à dinâmica dos processos, em pluralidade (SCHEINER, 2008, pp. 41-42).

Considerando essa interpretação, pode-se identificar momentos em que se observa a insipiência de processos museológicos que continuaram a se desenvolver na Fiocruz. A atuação dos servidores da Instituição (das áreas da pesquisa, da gestão e da manutenção), desde quando liderados por Oswaldo Cruz, imprimiu um caráter institucional peculiar para um processo institucional, possibilitado pelo conjunto de associações possíveis, sobretudo quanto à construção de conhecimento e registro de procedimentos em uma jovem república sul-americana repleta de contradições sociais e econômicas como o Brasil. Tal caráter compreendeu a implementação de linhas de pesquisa e métodos de análise que possibilitaram o desenvolvimento de espaços de guarda, documentação e registro das atividades realizadas. Assim, é possível reconhecer em algumas ações seu papel para a estabilização de uma rede



que suportasse um Instituto com ambição de desenvolver pesquisas de referência, e que demandava a mobilização de recursos e, conseqüentemente, estrutura para abrigá-los.

## 2.1 Museologia e Patrimônio da Fiocruz na contemporaneidade

O ambiente histórico-social em que se deram os empreendimentos vinculados à Instituição ilustra as ideias de tradução e rede, identificáveis nas disputas em curso constante. As situações que podem ilustrar a dinâmica de tais forças estão: nas controvérsias, no(s) projeto(s) de Estado, na(s) revolta(s) popular(es), e no desembarque no Brasil (na virada para o século 20) de um modelo de ciência médica baseada na microbiologia, incorporado como parte de um projeto para o desenvolvimento nacional da recente república. Pela associação de homens das ciências médicas, da política e por meio da aplicação de tecnologias incorporadas e desenvolvidas nessa rede, empreendeu-se novas entradas nos campos das ciências associadas ao empreendimento institucional. Esses movimentos envolveram deslocamentos de agentes para o interior e para o exterior do país, em que um fluxo amparou/justificou o outro.

As coleções biológicas em particular são parte fundamental do processo histórico institucional que hoje se traduz na Fiocruz.

[...] ao longo do tempo [acervos] foram constituídos e guardados separadamente, segundo a cultura organizacional da Fiocruz de autonomia de suas unidades técnico-científicas, hoje denominadas oficialmente como órgãos específicos singulares, e ao adquirirem outros valores para além da sua função original foram armazenados e organizados com base em sua tipologia, gerando culturas próprias de preservação e de acesso, mas ainda assim mantendo seu potencial como fontes de geração de conhecimento. Atualmente, frente à necessidade de maior integração nacional da instituição, e às demandas cada vez maiores de comunicação, de divulgação científica, e de busca integrada de informações esse modelo coloca-se como alvo de avaliação e de procura por soluções estratégicas e integradoras capazes de dar o justo destaque a tão relevantes acervos e respostas aos desafios estruturais e conjunturais a serem enfrentados (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2018, p. 6).

Porém, cabe destacar a difícil preservação de acervos e coleções que foram consideradas descartáveis em decorrência da intervenção estatal sofrida pelo Instituto. Tal intervenção resultou, entre outros agravos, na cassação de cientistas e de linhas de pesquisa



no período que é registrado na história institucional como O Massacre de Manguinhos (Lent, 2019), ocorrido no tempo da ditadura empresarial-militar brasileira<sup>7</sup> entre 1964 e 1985.

Infelizmente, muito do material danificado e ou extraviado durante o calamitoso Massacre de Manguinhos não poderá ser recuperado, sendo igualmente lamentáveis os efeitos do tempo perdido que jamais poderão ser minimizados. Entretanto, atualmente, significativos esforços institucionais têm sido realizados para a projeção, divulgação e modernização deste valioso acervo que alberga não só um relevante parcela de nossa rica biodiversidade, mas também importantes depoimentos de nossa história científica e cultural (COSTA *et al.*, 2008, p. 408).

Pode-se perceber a institucionalização de processos específicos da Museologia após a conversão do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em Fundação (Fiocruz)<sup>8</sup>. Em 1970 quando, por ocasião do centenário de nascimento do patrono do IOC em 1972, o Museu Oswaldo Cruz ampliou sua área passando a ocupar mais duas salas adjacentes, totalizando três espaços. A exposição era dedicada à memória de Oswaldo Cruz e aos trabalhos científicos realizados na Instituição. Outras iniciativas do tipo que se sucederam ao longo dessa década foram: o Museu Didático Marquês de Barbacena e o Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz, que “pretendia apresentar uma síntese da história da saúde pública no Brasil, por meio de documentos originais, fotografias e aparelhos científicos” (SOARES; NOGUEIRA, 2017, pp. 22-23).

A partir da redemocratização do Brasil em 1985, ocorre como *tradução* do processo histórico na Instituição a criação da unidade técnico-científica (hoje órgão específico singular) denominada Casa de Oswaldo Cruz (COC). Na COC se instituiu linhas de pesquisa para produção de conhecimento no campo da História das Ciências e da Saúde. Por esse mesmo órgão, se desenvolveram procedimentos e ações pela preservação, valorização e divulgação do patrimônio arquitetônico, urbanístico, arqueológico, arquivístico, bibliográfico e museológico que se constituiu na Fiocruz ao longo de décadas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ 2013).

---

<sup>7</sup> A opção por definir a ditadura brasileira como “empresarial-militar” advém do fato de ser a expressão atualmente mais utilizada pelos historiadores estudiosos desse período. Para uma caracterização do conceito ver CAMPOS, Pedro. A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, de 1964-1985. Orientador: Virginia Fontes. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

<sup>8</sup> O IOC foi mantido como unidade técnico-científica dedicada às pesquisas no campo das ciências biomédicas, tendo vários de seus departamentos transformados em outras unidades técnico-científicas a compor a estrutura organizacional da Fundação, que incorporava outros órgãos até então externos.



Outro órgão específico singular institucionalizado após a redemocratização é o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT). Em meados dos anos 1980, se iniciou o projeto de identificação e tratamento das obras raras que constam no acervo da Biblioteca de Manguinhos, vinculada ao ICICT, o que foi possível pela realização de convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Em 1992, foi feita a publicação do Catálogo de Obras Raras e Especiais da Biblioteca de Manguinhos, um conjunto de 182 obras de referência. A sessão de obras raras recebeu o nome do primeiro bibliotecário: Assuerus Hipolitus Overmeer. (BORTOLETTO; SANT'ANNA, 2002).

O desenvolvimento de órgãos específicos institucionais como os referidos representou um importante avanço institucional, sobretudo no que diz respeito à preservação da memória da Fiocruz. Abrigam, captam e preservam acervos sobre os processos políticos, sociais e culturais da saúde tais como fotografias, filmes, documentos, peças museológicas, depoimentos orais, publicações etc. que remontam o fim do século 19 até o tempo presente, integrando políticas permanentes da Fiocruz.

Desde 1999, o Museu da Vida Fiocruz<sup>9</sup> tem o objetivo de informar e educar em ciência, saúde e tecnologia. O Museu realiza exposições, desenvolve módulos interativos, multimídias, teatro e outras atividades, buscando despertar a curiosidade pela ciência e estimular participação social cidadã nos processos da ciência e da saúde no Rio de Janeiro e no Brasil. Seus temas centrais são a vida enquanto objeto de conhecimento, saúde como qualidade de vida e a intervenção do homem sobre a vida (GRUZMAN; FERREIRA; MAYRINK, 2017, P. 28).

Em 2008, teve início o desenvolvimento de um projeto com o objetivo de desenvolver processos integrados de ações de preservação e valorização dos acervos constituídos pela Fiocruz. Esse projeto incorporou uma diversidade de acervos que incluem o patrimônio natural, devido aos 400 hectares de Mata Atlântica sob guarda da Instituição na área do Parque Estadual da Pedra Branca, além de um patrimônio composto por acervos museológicos, arquivísticos, bibliográficos, urbanísticos, arquitetônicos, e arqueológicos, em que se consta, também, os acervos das coleções biológicas. Esses acervos constituem um patrimônio que está sob guarda de diferentes atores institucionais que estão em processos de trabalho distintos situados em diferentes órgãos da Fiocruz. A COC lidera o projeto, no

---

<sup>9</sup> Nascido como somente Museu da Vida, passa a incorporar a sigla Fiocruz ao nome a partir da aprovação da nova marca, no âmbito do projeto de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos, em 2020.



entanto, inicialmente, dependeu da colaboração em articulação com o IOC e com o ICICT, órgãos que também tem em seus processos a preservação e guarda das coleções biológicas e dos acervos bibliográficos, respectivamente. Atualmente, o projeto abarca toda a Fiocruz, em âmbito nacional, que lida com a guarda de acervos científicos e acervos culturais relacionados. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020, pp. 13-14).

Desde a origem da Fiocruz se constituem coleções científicas em consonância com ações expositivas, com a implementação de atividades museológicas institucionais. Essas são relacionadas a edificações, bibliotecas, arquivos, acervo iconográfico, instrumentos e equipamentos usados com finalidade de desenvolvimento de pesquisas na Instituição. Hoje, esse conjunto se configura em expressivos acervos culturais das ciências e da saúde.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os museus e centros de ciência também podem ser entendidos em si como artefatos históricos que “materializam, institucionalizam e musealizam, os contextos sociais, culturais, científicos, políticos em que se forjam” (LOPES, 2009, p. 199). Pensar a história desses locais tem sido um desafio que alguns pesquisadores da área vêm perseguindo. Norteados por essa reflexão, pode-se pensar sobre o caso específico tratado neste texto como um resultado das *traduções* que ocorreram, e ocorrem, no processo de formação da Fiocruz. Hoje existe um museu institucional que incorpora espaços e acervos que, nessa compreensão, fazem com que ele seja entendido em si (enquanto Fiocruz) como um artefato histórico.

Latour (2000) aponta, resumidamente, que quando os cientistas são “seguidos” antropologicamente (com o objetivo de analisar seus feitos) observa-se que o contexto social e o conteúdo técnico são determinantes para o entendimento da atividade científica. Caracterizando o conhecimento científico como uma construção permanente sob paradigmas<sup>10</sup> estabelecidos, pode-se concluir que a ciência apenas se estabiliza nos períodos que são determinados pela complexa rede de interações e condições. Ou seja, por pessoas situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade, com motivações inerentes, e por um conjunto de fatores em que socializam elementos humanos e não humanos. Nessa perspectiva, uma visita à Fiocruz (através do Museu da Vida) pode evidenciar as razões de sua

---

<sup>10</sup> Tal como definido por Thomas Kuhn, trabalhos que servem por tempo indeterminado para “definir implicitamente os problemas e métodos legítimos de um campo de pesquisa para as gerações posteriores de praticantes da ciência” formam “paradigmas” (KÜHN, 1998, p. 30).



própria existência a começar pelo que representou sua construção nos termos de definição de suas diretrizes a partir de uma rede sociotécnica constituída desde 1899.

A museologia encontra na Fiocruz espaço privilegiado para uma investigação sob esse referencial, pois é uma Instituição que possibilita uma perspectiva de compreensão das traduções no processo histórico na ciência como sociedade. Atualmente, permanece o ícone que o Castelo e a sua silhueta se tornaram em decorrência das associações feitas ao longo desse tempo. A expansão das pesquisas biomédicas e do ensino da microbiologia seguem o processo contínuo iniciado no limiar para o século 20.

O papel inicial de uma Instituição que havia sido fundada para um fim muito menos ambicioso<sup>11</sup> foi sendo redefinido pelas mobilizações de humanos e não-humanos que permanecem em curso. A conjuntura e as motivações de atores confluem, portanto, para o procedimento dessas traduções ao longo do tempo. O Instituto de Manguinhos, como ainda é referida a Fiocruz de maneira afetiva por muitos, mostra-se rico em características para uma investigação de aspectos da história das ciências no Brasil, partindo de sua própria vida, que encontra marcos definidos para compreensão de processos que seguem em permanente tradução.

Por essa reflexão, compreende-se que fatos e artefatos se desenvolvem continuamente, sem chegar a uma forma definitiva. Importa situar quando os processos se constituíram ao longo do tempo, tendo como ponto de partida, no caso destacado, o início dos trabalhos do Instituto de Manguinhos. E isso, levando em conta que, à época em que se constituíram, ainda não eram feitas — por parte dos atores diretamente envolvidos em tais processos — reflexões ou trabalhos com finalidade acadêmica a respeito do caráter museológico relacionado a tais atividades. Portanto, a Museologia na Fiocruz se mostra associada a processos mais amplos desde o princípio. Ao longo da existência da Instituição, as coleções e os espaços expositivos e museológicos se expandiram e se complexificaram, passando por momentos de rupturas e perdas, mas com permanências determinantes para uma cultura institucional que recorre à memória e à preservação do patrimônio. Hoje, existe um grande passivo histórico advindo dos períodos de crises institucionais que contribuem ainda mais para fazer a Museologia se estabelecer como processo reconhecido por políticas

---

<sup>11</sup> Produzir soro terapêutico e vacina para uma única doença, a peste bubônica, tal como o Instituto Vacínico Municipal era dedicado à produção somente da vacina contra a varíola.



institucionais específicas. Ao desenvolver esse histórico, cabe ressaltar a importância de ações museológicas para a preservação de acervos culturais e científicos formados pela Instituição que contribuíram para a reflexão sobre a ampliação e o futuro dessas ações.

## REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Jayme. **Manguinhos do Sonho à Vida: A Ciência na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero. Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil (apresentação histórica). In: BENCHIMOL, Jaime Larry; SÁ, Magali Romero (Org.). **Adolpho Lutz: Obra Completa**; v. 2, livro 3. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/mrcgt/Downloads/Adolpho%20Lutz\\_Livro%203.pdf](file:///C:/Users/mrcgt/Downloads/Adolpho%20Lutz_Livro%203.pdf). Acesso em: 23 ago. 2022.

BORTOLETTO, Maria Élide; SANT'ANNA, Marilene Antunes. A história e o acervo das obras raras da Biblioteca de Manguinhos. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, v.9, n.1, p. 187-203. Jan./Abr 2002.

BRITTO, N. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

CAMPOS, Pedro. **A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, de 1964-1985**. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012. Orientador: Virginia Fontes.

COELHO, Carla Maria Teixeira; SILVA, Elisabete Edelvita Chaves da; ZOUAIN, Rosana Soares. Pavilhão Mourisco: desafios para sua preservação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 565-582, jun. 2020.

COSTA, Jane; CERRI, Danielle; SA, Magali Romero; LAMAS, Carlos José Einicker. Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos** [online]. 2008, v. 15, n. 2, p. 401-410.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Relatório acerca da moléstia reinante em Santos, (em 1899) apresentado a S. Exa., o Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. In: CRUZ, Oswaldo Gonçalves. **Opera Omnia**, Rio de Janeiro: Tipografia do Instituto Oswaldo Cruz, 1972.

CUKIERMAN, Henrique Luiz. **Yes, nós temos Pasteur; Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2007.

DA SILVA, Manuela e SÁ, Magali Romero. Coleções vivas: as coleções microbiológicas da Fundação Oswaldo Cruz. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v.5, p. 175-187, 2016.

GRUZMAN Carla; FERREIRA, José Ribamar; MAYRINK, Fabiola. Projetos. In **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos**. / Organizadores: Diego Vaz



Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara e Tereza Costa. – Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

KÜHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica/Bruno Latour; tradução de Carlos Irineu da Costa; revisão técnica de Stelio Marras. – São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora/Bruno Latour tradução Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LENT, Herman. **O massacre de Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz: Edições Livres, 2019.

LOPES, Maria Margaret. Porque História nos Museus e Centros de Ciência? In: MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana; VALENTE, Maria Esther. **Museu**: lugar do público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

RANGEL, Marcio Ferreira. O PAPEL ESTRATÉGICO DAS COLEÇÕES CIENTÍFICAS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL. **Anais...** XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação. Brasília, 2011.

RANGEL, Marcio Ferreira. A MUSEOLOGIA NO MUNDO CONTEMPORANEO. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.408-418, set./dez., 2013.

SHAPIN, Steven. **Nunca Pura**: Estudos Históricos de Ciência como se Fora Produzida por Pessoas com Corpos, Situadas no Tempo, no Espaço, na Cultura e na Sociedade e Que Se Empenham por Credibilidade e Autoridade,; tradução Erick Ramalho. 1.ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SCHEINER, Tereza. Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa / Letícia Julião, coordenadora; José Neves Bittencourt, organizador. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. 152 p.

SOARES, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Inês. Antecedentes: 1900-1986. In **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Museu da Vida**: ciência e arte em Manguinhos. / Organizadores: Diego Vaz Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara e Tereza Costa. – Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz/ Fundação Oswaldo Cruz**. – Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde**. – Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013.